

Intersecções entre Comunicação e Educação em Práticas Organizativas Comunitárias

CICÍLIA M. KROHLING PERUZZO

Introdução

A escola, apesar de sua importância, não é o único ambiente que educa. Os meios de comunicação convencionais e as demais instituições com as quais nos relacionamos também desempenham informalmente papel educativo, embora nem sempre favorável à formação cidadã e ao interesse público. Existem ainda outros ambientes de comunicação desenvolvidos por comunidades, organizações não governamentais e movimentos sociais populares que participam da dinâmica produtora de novas formas e meios de comunicação por vezes denominados de populares, alternativos e comunitários que, da mesma forma, contribuem para a educação informal e não formal.

Neste texto, além de breve abordagem sobre essa temática, apresentamos uma análise específica a partir da experiência organizativa desenvolvida em Heliópolis, São Paulo - SP. O objetivo geral é observar as relações entre a Comunicação e a Educação em atividades práticas desenvolvidas no contexto do movimento comunitário de Heliópolis, especialmente do Ponto de Cultura Heliópolis em Ação e da Rádio Comunitária Heliópolis. Os objetivos específicos são os seguintes: a) Verificar se há intencionalidade em se promover a formação para a cidadania a partir das ações do movimento comunitário; b) Identificar as formas e os meios de comunicação prevalentes usados como mediação nas ações de educação informal destinadas a adolescentes e jovens de Heliópolis; d) Analisar como a educação informal permeia o processo comunicativo no contexto do Ponto de Cultura e da Rádio Comunitária Heliópolis.

O estudo se desenvolve com base em pesquisa bibliográfica, pesquisa documental e entrevistas semiestruturadas com lideranças.

Comunicação e educação na educação informal e não formal

Os movimentos sociais populares, associações comunitárias e demais organizações não governamentais, bem como outros atores coletivos são artífices da sociedade civil, constituídos por segmentos da população que uma vez conscientes da realidade opressora e dos direitos a que têm direito se organizam para reivindicá-los. Eles travam batalhas diárias em prol da transformação de realidades que ofendem a dignidade humana de segmentos sociais em condições vulneráveis de vida, principalmente nas periferias das grandes cidades. Desenvolvem formas de trabalho social que, por um lado reivindicam soluções para os problemas que os afetam e por outro constroem mudanças na vida de pessoas – crianças, adolescentes, jovens e adultos. Reivindicam junto a instituições públicas e privadas melhorias nas condições de vida por meio do acesso aos bens de consumo coletivo (educação, transporte público, sistema de saúde etc.) e os demais direitos de cidadania, conforme cada situação. Quanto às mudanças na vida das pessoas, essas são construídas tanto pelas conquistas efetivadas (instalação de creches, legalização de assentamentos rurais, criação de cooperativas, instalação de rádios comunitárias e assim por diante) quanto pelo desenvolvimento do conhecimento e da capacidade de mobilização e ação de segmentos sociais por seus direitos. Trata-se de um processo em que a Educação e a Comunicação se entrelaçam. Portanto, queremos dizer que as interações entre esses dois campos se efetivam também no nível das práticas das organizações e movimentos sociais populares e não apenas no universo da educação formal, ou seja, nas instituições de ensino regidas por leis e demais prescrições normativas oficiais, apesar da primazia dessas últimas na dinâmica educacional de uma nação.

No nível dos movimentos e organizações sociais de base popular se desenvolvem a educação informal e a não formal. Conceitualmente¹ a educação informal se refere à formação desenvolvida no contexto das práticas sociais. Ou seja, o aprendizado resultante da vivência cotidiana em todos os âmbitos dos relacionamentos (trabalho, família, associações, igreja...), exposição aos meios de comunicação e às mídias sociais digitais, como também por intermédio da participação e do envolvimento na realização de atividades em organizações coletivas, para situar a questão na perspectiva deste texto. Por exemplo, o aprendizado adquirido sobre como coordenar uma reunião, fazer um programa numa rádio comunitária ou ser um locutor sem nunca ter feito um curso em instituições de ensino especializadas.

1 Ver ALFONSO, Almerindo J. Os lugares da educação. In: SIMSON, Olga R. de Moraes; .PARK, M.B.; FERNANDES, R.S.(Orgs.) Educação não-formal. Cenários da criação. Campinas: Unicamp, 2001. p.29-38.

Aprende-se na prática e pela troca de saberes com colegas mais experientes que dão dicas e esclarecem sobre diretrizes e determinados procedimentos.

Por sua vez, a educação não formal diz respeito à formação específica que tende a ser ocasional e proporcionada por diferentes iniciativas, não necessariamente somente de instituições de ensino oficiais. São atividades educativas de curta duração, tais como cursos, oficinas e palestras, proporcionadas por setores de universidades, ONGs, sindicatos e pessoas vinculadas que detêm saber sobre determinado tema ou área do conhecimento, destinados a grupos, membros de uma associação e assim por diante.

A educação não formal, segundo Maria da Glória Gohn (2015, p.16),

é um processo sociopolítico, cultural e pedagógico de formação para a cidadania, entendendo a formação do indivíduo para interagir com o outro em sociedade. Ela designa um conjunto de práticas socioculturais de aprendizagem e produção de saberes, que envolve organizações/instituições, atividades, meios e formas variadas, assim como uma multiplicidade de programas e projetos sociais. A educação não formal não é nativa, no sentido de herança natural; ela é construída por escolhas ou sob certas condicionalidades, há intencionalidades no seu desenvolvimento, o aprendizado não é espontâneo, não é dado por características da natureza.

A comunicação popular e comunitária que educa

A comunicação popular e comunitária é aquela protagonizada por movimentos sociais populares e comunidades e se constitui em processos comunicativos que se articulam às suas próprias dinâmicas de conscientização-mobilização-organização-ação. Ela se realiza tanto nas relações face a face, presenciais e dialógicas, quanto naquelas mediadas por canais tecnológicos. Nessa perspectiva, se realiza por intermédio de formas, meios (canais) e coordenação de ações e se mescla às atividades desenvolvidas como parte constitutiva das mesmas. Quando assumida coletivamente ela é indissociável da organização e mobilização comunitárias; das lutas mais amplas. Às vezes a difusão de mensagens de caráter emancipador se revela de forma mais explícita por meio do empoderamento de canais tecnológicos, como, por exemplo, o vídeo, a rádio comunitária, o boletim informativo, a mídia/rede *online*, o que não quer dizer que a comunicação grupal e a cara a cara não sejam importantes. Porém, a educação informal também acontece pela participação nas

atividades comunicativas de produção e difusão de mensagens, entre outras, e não apenas pelo conteúdo difundido.

É nesse âmbito que a educação informal e a não formal fazem parte da comunicação, pois não há como dissociar os processos de comunicação da formação, já que ambas ocorrem de modo simultâneo. Gutiérrez (1993, p.77) já disse que “Educação e Comunicação são um mesmo e único processo de coparticipação, de coprodução, de co-entendimento e (co)munhão”. Embora ele tenha feito essa reflexão a partir da educação formal, tal premissa se aplica ao contexto dos movimentos sociais. Da mesma forma, Mario Kaplún ([1987] 2014, p.60) se refere à “Educação e Comunicação [como] uma mesma coisa. Educar é sempre comunicar. Toda educação é um processo de comunicação”, afirmou. Soares (2011, p.23) alerta para o fato de não se tratar apenas de “educar usando o instrumento de comunicação, mas de que a própria comunicação se converta na vértebra dos processos educativos: educar pela comunicação e não para a comunicação”.

A Educação se realiza nas intersecções com a Comunicação, e a Comunicação se efetiva no processo de Educação que se instaura. Ambas se constituem em práxis comunitária transformadora em dupla perspectiva, como antes mencionado: ajudam a modificar tanto a realidade quanto as próprias pessoas ao proporcionar o desenvolvimento pessoal e cognitivo. Nessa dinâmica as formas de comunicação presencial e a distância se interconectam, dependendo das condições e da situação de cada lugar ou grupo social.

Intersecções entre Comunicação e Educação na prática

Tomando por base o trabalho de organização comunitária em Heliópolis, área do bairro Ipiranga na capital de São Paulo, verifica-se existir a intencionalidade de promover o desenvolvimento cívico educativo dos moradores de todas as faixas de idade, por parte das lideranças populares locais. O processo de organização comunitária é capitaneado pela *União das Associações, Núcleos e Sociedade de Moradores de Heliópolis, São João Clímaco e Região (UNAS)*, cujo histórico revela lutas e compromisso social na direção da mudança de um grande bairro – com cerca 200 mil habitantes e marcado pela pobreza e pela violência – em uma “cidade educadora”. A estratégia utilizada expressa a sua missão: “contribuir para transformar Heliópolis e região num bairro educador, promovendo a cidadania e o desenvolvimento integral da comunidade”². Existe atualmente um expressivo modo de organização comunitária capaz de concretizar metas de melhoria das condições de existência

2 Ver: http://www.sof2014.com.br/?page_id=1064

no local por intermédio da urbanização e ao mesmo tempo promover o desenvolvimento cognitivo, tendo em vista a participação cidadã dos próprios moradores em programas de desenvolvimento social, como beneficiários e/ou como gestores. Há programas inovadores dentro do sistema de educação formal – como o Escola sem Paredes³, implantado na EMEF Campos Salles. Citam-se ainda vários outros gerenciados pela UNAS – como o Centro Cultural, Educação de Jovens e Adultos, rádio comunitária, Centro de Educação Infantil, Educação Preventiva para Saúde, Formação Continuada de Educadores, Formação de Multiplicadores, Capacitação para o Trabalho, creches, Ponto de Cultura Heliópolis em Ação (voltado a adolescentes e jovens), Projeto Memória de Heliópolis, Caminhada pela Paz e muitos outros, sempre liderados por moradores, cuja preparação para atuação faz parte da estratégia organizativa-mobilizadora-educadora da UNAS. A UNAS mantém parcerias com órgãos do poder público, entidades beneficentes e iniciativa privada, mas conserva a direção e gestão sob seus cuidados. Em suma, a preocupação com a formação cidadã é permanente e direcionada à responsabilidade social necessária visando a emancipação social.

Para demonstrar como se efetivam aspectos educativos e comunicativos na prática tomamos por base dois exemplos de programas no bairro que operam com autonomia operativa, mas sob a orientação programática da UNAS: *O Ponto de Cultura Heliópolis em Ação e a Rádio Comunitária Heliópolis*.

O Ponto Cultura Heliópolis em Ação atua como uma extensão da Rádio Comunitária, a qual participou de edital público e passou a ser um Ponto de Cultura. Ambos são vinculados à UNAS (União das Associações, Núcleos e Sociedade de Moradores de Heliópolis, São João Clímaco e Região).

O Ponto de Cultura é uma articulação social comunitária que desenvolve um plano de ação específico junto a adolescentes e jovens, ocupa espaço reservado na Sede da UNAS e atua em cooperação com vários projetos sociais, entre eles a Caminhada pela Paz, Comemoração do Dia das Crianças, Quermesse e FoHeliópolis. Sobre esse envolvimento declara o seu coordenador, Gildivan Felix Bento: “O Ponto de Cultura não é algo isolado. Está metido em vários projetos da UNAS. Não são as pessoas que vêm até o Ponto de Cultura. Ele é que vai até as pessoas”⁴. Porém, atua também diretamente na formação de adolescentes e jovens ao oferecer oficinas (de DJ, locução, grafite, vídeo, dança, teatro) e produzir documentários fotográficos e cinematográficos. Faz todo um trabalho de promoção humana de

3 Inspirado no Instituto da Ponte, de Portugal.

4 Entrevista concedida à autora em 02 de dezembro de 2012.

reconhecimento e valorização da autoestima, conscientização e abertura de novas perspectivas de vida ao estar naquele ambiente e atuar nele.

Concretamente a comunicação face a face e o uso de instrumentos tecnológicos se constituem em processos e em mediações na educação informal e não formal da juventude atendida pelo projeto Ponto de Cultura. Ajudam na formação de cidadãos ao ampliar a visão sobre a própria realidade e apontam possíveis caminhos fora do mundo das drogas e da violência urbana e às vezes familiar. Nesse contexto é possibilitado desenvolver nova visão de mundo, melhorar a autoestima, incentivar a criatividade, favorecer a autoexpressão, bem como dar pistas para possibilidades de trabalho ao mostrar habilidades, por exemplo, de DJ, dança e assim por diante. Por outro lado, além do Ponto de Cultura outros projetos também atuam junto à juventude, como o *Jovens Alconscientes*.

A liderança do Ponto de Cultura entrevistada manifesta elevado nível de compromisso em ajudar a transformar a realidade daqueles adolescentes e jovens que vivem numa difícil situação de precariedade urbana de enormes proporções e feições, pois além da pobreza eles estão envolvidos em grandes problemas sociais, como aqueles relacionados à cultura da violência, precário sistema de ensino, desordenamento familiar e assim por diante. Esse tipo de postura é visível em todas as lideranças consultadas, o que demonstra haver coerência de princípios e metas traçadas em comum.

Quanto à Rádio Comunitária Heliópolis, hoje transmitindo em FM 87.5, ela iniciou suas transmissões a partir de um serviço de autofalantes em 1992 e era então chamada de *Rádio Corneta*. Esse sistema fez parte da estratégia da UNAS que o idealizou para servir de canal facilitador da dinâmica de comunicação comunitária. A emissora foi criada com o objetivo de “informar a comunidade, facilitar a comunicação entre a associação de moradores e a população da comunidade” (LUIS; DOUGLAS..., 2014, p.9), o que ainda persiste. Em 1997 passou a transmitir como rádio FM livre sem autorização, mas foi fechada em 20 de julho de 2006 e reaberta um ano depois como rádio experimental numa parceria com a Universidade Metodista de São Paulo. Recebeu autorização oficial e definitiva para funcionar em 13 de março de 2008 (LUIS; DOUGLAS..., 2014, p.9)⁵. Leva o registro de ter sido a primeira emissora comunitária a funcionar legalmente na cidade de São Paulo, de acordo com a lei 9.612. De fato, houve discrepância entre a abertura de licitação para rádios comunitárias na cidade de São Paulo em relação a outras cidades em razão da falta de condições técnicas de operação na única faixa de sinal reservada às rádios comunitárias

5 Ver também www.heliopolisfm.com.br

pela Agência Nacional de Telecomunicações (ANATEL) para todo o país, o que a obrigou a realizar estudos técnicos e encontrar outra solução.

Em suas mais de duas décadas de atuação a Rádio Comunitária Heliópolis colabora com a disseminação de informação local e na formação de pessoas. Ela ajuda na conscientização, na aproximação entre pessoas, na mobilização social e para o entretenimento. A rádio dá voz aos moradores, tanto para a sua música como na discussão de temas de interesse comunitário. Ao mesmo tempo, contribui para o desenvolvimento pessoal e para o nível de conhecimento das pessoas que vêm atuando como protagonistas na emissora. De simples moradores/as e ouvintes, eles se transformam em gestores/as⁶ e locutores, criadores de programas, operadores de mesa de som, sonoplastas, entrevistadores, entre outras funções e habilidades. Participam de reuniões de avaliação e de planejamento, ajudam a definir metas e a corrigir desvios. Simultaneamente a rádio se constitui num espaço onde se aprende a conhecer melhor a realidade local e a trabalhar para prevenir e buscar solucionar problemas locais a que todos estão sujeitos. Portanto, a emissora educa não apenas pelos conteúdos que dissemina, mas também pelo processo facilitador do *quefazer* comunicacional que proporciona a quem se envolve no seu processo de produção, planejamento e gestão. Em outras palavras, na rádio também se ensina e se aprende na sua própria dinâmica operativa. Um ajuda a ensinar o outro sobre como fazer rádio e como fazer rádio comunitária. Ajuda a operar equipamentos, a definir um programa, a zelar pela qualidade e pelo caráter cívico da programação. Claro que no decorrer do tempo tem havido desvios e distorções com alguma tendência de imitação de emissoras comerciais, como, por exemplo, de estilos musicais, tipo de postura, uso personalístico do microfone etc. Nem tudo são flores e às vezes o senso comunitarista se vê um tanto difuso se for visto principalmente pelo conteúdo da programação. No entanto, no seu todo possui histórico e práticas que alimentam seus ideais e estratégias de médio e longo prazos. Um exemplo do ano de 1999: um dos locutores e ex-coordenador da rádio, Reginaldo José Gonçalves, relata que ao ingressar na emissora para fazer um programa musical (na época de RAP – *black music*) era DJ na vida profissional. O programa cujo conteúdo era composto por samba *house* e *rap* internacional fazia muito sucesso. Um dia ele e um colega com quem partilhava o microfone foram chamados pelo então coordenador da emissora, Geronimo Barbosa. Pensaram que seria para serem comunicados de que o tempo do programa seria aumentado devido ao sucesso que fazia, mas ouviram o seguinte:

6 Doravante usarei os verbos só no plural tradicional apenas por questão de fluência textual.

a gente vai ter que rever a programação de vocês, heim. E a gente: como assim? É que vocês não estão fazendo uma programação comunitária, entendeu?! Vocês estão deixando de passar utilidade pública e tal... O programa está legal, está bacana, está tendo bastante audiência, mas não está sendo comunitário e a gente aqui não visa audiência, visa qualidade, né?! [...] E ele falou para mim assim: e você esquece esse negócio de DJ aí porque você não é mais só DJ agora. Você é um comunicador social. [...] Aí a gente voltou chateado pra caramba, xingamos pra caramba. [...] Só que aí a gente começou a se enquadrar, né? E aí depois de um tempo eu fui perceber o que ele quis falar. Quando as pessoas paravam a gente na rua para falar dos problemas delas e a gente começou a se tornar referência. [...] Aí eu fui perceber a responsabilidade de ser um comunicador social⁷.

Pelo que se pode observar, o ensinamento não é apenas técnico-operativo. É também formativo no sentido cívico e da cidadania de locutores e de ouvintes, que por vezes se fundem na função de produtor e difusor de conteúdos. Aí se desenvolve também a tolerância de gêneros, o respeito às individualidades, a escuta e a capacidade do trabalho colaborativo.

Conclusão

Os processos educomunicativos antes evidenciados revelam a existência de práxis em que a Educação na esfera informal e a Comunicação no nível comunitário se interligam. O meio de comunicação não se presta a educar apenas por seus conteúdos críticos e elucidativos, mas também pelo favorecimento da participação ativa dos cidadãos no processo de elaboração de mensagens, na difusão de programas e nos demais mecanismos de gestão, planejamento e avaliação.

Em última instância existe um trabalho de coordenação de ações e expressão comunicativa de alto poder mobilizador que potencializa a confluência entre a visão e as expectativas das lideranças comunitárias e as quase 500 pessoas que atuam nos projetos sociais. No conjunto, são pessoas comprometidas com a mudança das realidades opressoras da dignidade humana e ao mesmo tempo com a construção de condições para um viver melhor e o viver bem.

7 Entrevista concedida no dia 10 de dezembro de 2012 à autora e a Jorge González.

Desse modo, são visíveis os sinais de existência de um “bairro educador” que luta para democratizar o poder de se usufruir o respeito aos direitos de cidadania em suas dimensões política, econômica, social, jurídica, cultural e comunicacional.

Referências

- GOHN, Maria da G. Introdução – Cenário geral: educação não formal... In: GOHN, Maria da G. (Org.). **Educação não formal no campo das artes**. São Paulo: Cortez, 2015. p.15-27.
- GUTIÉRREZ, F. **Pedagogía de la comunicación en la educación popular**. Madrid: Editorial Popular, 1993.
- KAPLÚN, M. Uma pedagogia da comunicação [1987]. In: AOARICI, R. (Org.). **Educomunicação**. Para além do 2.0. São Paulo: Paulinas, 2014. p.59-58.
- LUIS, André.; DOUGLAS, Geovanny. Comunicação no ar, nas ruas, casas, fones e computadores. **Revista Q fita é essa?** São Paulo, Jovens conscientes/ Centro da Criança e Adolescentes/ Polo Educacional de Heliópolis/ Rádio Comunitária Heliópolis-UNAS, n. 2, p. 9-19, 2014.
- SOARES, Ismar de O. Educomunicação: um campo de mediações. In: CITELLI, A.O.; COSTA, M.C.C. (Orgs.). **Educomunicação: construindo uma área de conhecimento**. São Paulo: Paulinas, 2011. p.12-24.

A AUTORA

CICÍLIA M. KROHLING PERUZZO - Doutora em Comunicação pela ECA-USP. Professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação (Póscom) da Universidade Metodista de São Paulo – UMESP. E-mail: kperuzzo@uol.com.br